



Storytelling: Curso em uma história. Que histórias posso contar para ensinar alunos e professores a importância da música?

Michael Fragomeni Penna

Resumo: Ao observar as diferentes situações do dia a dia da Orquestra Jovem Recanto Maestro, conversando com alunos e professores, observamos que não se tem muito claro e definido o que a música pode aportar para o futuro daquela criança que por algum motivo está tocando um instrumento musical. O presente trabalho pretende-se como um auxílio na criação de ferramentas de conscientização da importância de se estudar um instrumento musical para nossa formação humana e profissional, independentemente do seguimento de uma carreira musical, para absorver todos os conhecimentos intrínsecos ao estilo de vida no qual a música está presente. Observando alguns pontos da biografia do físico alemão Werner Heisenberg, pretende-se romper certas barreiras da personalidade de nossos alunos e transmitir uma mensagem através de um *storytelling* que servirá para introduzir princípios da Ontopsicologia na formação de alunos e professores da Orquestra Jovem Recanto Maestro.

Palavras-chave: *storytelling*; música; pedagogia; Ontopsicologia; Orquestra Jovem Recanto Maestro.

Storytelling: course in a story, which stories can i tell to teach students and teaches the importance of music?

Abstract: Observing the different daily situations of Youth Orchestra Recanto Maestro, talking with students and teachers, we observe that it is not clear to what music can contribute to the future of that child that, for some reason, is playing a musical instrument. This paper intends to be a help in the creation of tools of awareness of the importance of studying a musical instrument for our human and professional training, regardless the pursuit musical career, to absorb all the knowledge that is intrinsic to the lifestyle in which music is present. Observing some points of the biography of the german physicist Werner Heisenberg it is intent to break some barriers of personality of our students and transmit a message through a storytelling which will serve to introduce principles of Ontopsychology in the training of students and teaches of the Youth Orchestra Recanto Maestro.

Keywords: storytelling; music; pedagogy; Ontopsychology; Youth Orchestra Recanto Maestro.

Storytelling: curso en una historia. ¿qué historias puedo contar para enseñar alumnos y profesores la importancia de la música?

Resumen: Al observar las diferentes situaciones del día a día de la Orquesta Joven Recanto Maestro, conversando con alumnos y profesores, observamos que no se tienen claro lo que la música puede aportar para el futuro de aquel niño que por algún motivo está tocando un instrumento musical. El presente trabajo pretende ser como una ayuda en la creación de herramientas de concientización de la importancia de estudiar un instrumento musical para nuestra formación humana y profesional, independentemente del seguimiento de una carrera musical, para absorber todos los conocimientos intrínsecos al estilo de vida donde la música está presente. Observando algunos puntos de la biografía del físico alemán Werner Heisenberg, se pretende romper ciertas barreras de la personalidad de nuestros alumnos y transmitir un mensaje a través de un *storytelling* que servirá para introducir principios de la Ontopsicología en la formación de alumnos y profesores de la orquesta.

Palabras clave: *storytelling*; música; pedagogia; Ontopsicología; Orquesta Joven Recanto Maestro.

1 Introdução

Ao lermos a respeito da biografia do físico alemão Werner Karl Heisenberg, chamou-nos atenção o fato desse homem haver, em sua infância e juventude, se dedicado ao estudo da música e alcançado níveis de excelência com o piano, bem como e posteriormente, a decisão de seguir carreira com a ciência desempenhando um papel importante na história da humanidade com a descoberta do *Princípio de Incerteza*, lançando as bases para a Física Quântica, junto com tantos outros importantes e renomados físicos no início do século XX.

Nossos alunos da Orquestra Jovem Recanto Maestro, encerrados em seus complexos e estereótipos, não conseguem ver, na maioria das vezes, que fazer música é um acontecimento importante para suas vidas; estudam porque gostam, porque fazem amigos nos ensaios da orquestra, mas quando se deparam com o futuro de suas carreiras profissionais ou com outras necessidades da vida, desistem dos estudos musicais, desanimam acreditando que aquilo não servirá senão como um “passatempo” sem maiores contribuições.

Ao verificar na biografia do Sr. Heisenberg a importância que ele deu ao estudo musical, incluindo aquele que teve e o fato de, mesmo assim haver escolhido outra carreira, obtendo grande êxito, verificamos que poderia ser um exemplo a ser contado para nossos jovens. Neste sentido, as biografias representam fontes interessantes de propagação de ensinamentos importantes e valores que podem ser repassados a todos nós e, principalmente, aos mais jovens.

Usando a técnica de contar histórias conhecida como *Storytelling*, tratamos aqui da criação de uma ferramenta moderna capaz de ensinar que é possível outra forma de ver o aprendizado de um instrumento musical, buscando romper com certas estruturas fixas na personalidade de nossos alunos por meio de histórias com fatos biográficos reais de grandes personalidades da história da humanidade.

2 Fundamentação Teórica

Compreender e auxiliar o desenvolvimento de uma criança, bem como acompanhá-la em sua realização, é tarefa clássica de todo educador. As crianças e os jovens, para que em sua atuação histórica possam exercer capacidades e condutas vencedoras, necessitam serem educadas a saberem a si mesmas, isto é, serem capazes de realizar a própria existência de modo criativo (MENEGETTI, 2010).

A Ontopsicologia apresenta a novidade do Em Si ôntico¹, critério base de natureza que nos faz irrepetíveis e com possibilidade de realização. Para compreendê-lo, é preciso imaginar a semente de um carvalho: nela já existe o Em Si do grande carvalho, no entanto, ele ainda deve aparecer; serão necessários anos, chuvas, sol e tantos outros fatores para que a semente torne-se uma grande árvore. Nesse ponto, a semente não é mais vista, porém, a inteligência da semente está em toda a planta (MENEGETTI, 2011).

Entre sujeito/pessoa e ambiente existe o Eu a priori que é a construção histórica da intencionalidade ôntica em devir. Por exemplo, imagine um sujeito e uma cadeira: qual será a melhor relação? Podem-se tentar diversas soluções, mas apenas uma é a relação ótima que consente o máximo de eficiência e de comodidade. Meneghetti (2011) nos dá um exemplo disso:

Com base na própria necessidade, tem-se um único uso ótimo: se o sujeito está cansado e quer repousar, o uso ótimo da cadeira é sentar-se; se quer ver algo que não alcança, pode usar a cadeira como degrau; se, por fim, deve defender-se de alguém que quer agredi-lo, pode usar a cadeira como arma (MENEGETTI, 2011, p. 24).

Assim, o Eu a priori é uma função que mostra qual é a ação perfeita do momento, mas que permanece inconsciente para a maioria das pessoas. Ainda mais:

No início, a criança colhe-se como “mim”, ou seja, como projetado, e somente em um momento sucessivo – quando faz a tomada de consciência (seis meses) – colhe-se como Eu. A partir desse momento começa o uso da razão, ou seja, o pequeno compreende que, segundo onde se posiciona, obtém efeitos diferentes. O Eu é aquela função mediante a qual o sujeito autocolhe-se, é medido e mede. A responsabilidade civil e moral nasce do fato de que existe um Eu (MENEGETTI, 2010, p. 209).

¹ Acerca do Em Si ôntico, verificar: MENEGETTI, A. Dicionário de Ontopsicologia. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012. pp. 84-86.

Para completar a constituição do homem temos o fator que não é próprio da natureza, mas se faz presente, o monitor de deflexão². Trata-se de um mecanismo que estrutura permanentemente o homem, tornando impossível a tomada de consciência de si mesmo. Neste sentido, “(...) enquanto em qualquer outro programa adquirido o homem sabe que é distinto e decide se e quando usá-lo – o monitor de deflexão convive, antecipa, modifica, e o sujeito não o sabe” (MENEGHETTI, 2010, p. 210). Ou seja, como o monitor antecipa, desvia e impede a visão de si, o homem conhece a si mesmo depois que já existem as ações e efeitos do monitor de deflexão, depois que ele já agiu fazendo com que nem suspeitemos de sua existência.

O mecanismo do monitor de deflexão se insere e se fixa por meio da matriz reflexa (MENEGHETTI, 2010), traçado mnêmico dessa situação-ocasião que o Monitor de Deflexão assume como própria cena primária para constelar a emotividade do sujeito. A situação durante a qual acontece a primeira sincronização do monitor de deflexão constitui a ocasião sobre a qual a matriz reflexa se forma: essa faz a ideografia mêmica sobre a qual se articula também o traçado mnemônico que coordena o complexo dominante deslocado em várias seleções. Neste sentido:

A matriz reflexa se forma através da afetividade ótica, um contato ocular de ódio chantageador entre adulto-mãe e a criança em uma situação qualquer. A cena matriz não constitui de per si um evento errado, mas é um fato qualquer, considerado pecaminoso pelo adulto (MENEGHETTI, 2010, p. 213).

A um fato indiferente da criança, a mãe transmite uma interpretação negativa, acrescentando uma condenação moral. Essa interpretação negativa constitui a base do desvio complexual; não é o fato em si que o constitui. O erro começa quando a criança acomoda dentro de si e metaboliza a interpretação negativa do adulto, ou seja, quando aceita a política psíquica da mãe no interior de si mesma, em conexão com o fato indiferente em si.

Na parte mais superficial do inconsciente estão localizadas as estruturas complexuais que são a resultante de compromisso entre a pulsão da natureza e o filtro desorganizador do monitor de deflexão (MENEGHETTI, 2010). Os complexos são tantos pequenos “Eu” prefixados, mecanismos de defesa da natureza surgidos e aceitos inconscientemente, carregando-os para a vida adulta. São partes reais da natureza que o Eu

² Para maiores informações: MENEGHETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012. pp. 175-180.

censura e se desenvolvem de modo autônomo. Ou seja, sofrida a censura, o instinto biológico é reprimido e removido por um Eu em formação que, portanto, sofre pressão do monitor de deflexão.

Por complexo³ entende-se qualquer tipologia de atividade psíquica não coligada com a vontade do eu. É uma realidade psíquica que se formou em compromisso das exigências sociais e das exigências biológicas do indivíduo. O Eu se forma depois do complexo, portanto, o complexo antecipa o nascimento e a formação da estrutura do Eu. O primeiro a entrar é sempre o complexo, que determina os modos de conhecimento do Eu. O complexo determina todas as fases de “resistência” para a autenticação do sujeito, portanto, constitui todos os diversos opostos à identidade funcional de natureza. Um exemplo nos é dado por Meneghetti:

Por exemplo, se pegamos três sujeitos (A, B e C), fazemos-lhes entrar em um ambiente, um de cada vez, e escutamos as suas descrições do ambiente, notaremos que todos falam de modo diferente (...). Cada um é forçado a ver aquele lugar segundo a seleção que o complexo impõe: pode ver somente algumas coisas, enquanto outras não pode ver, nem sentir (MENEGETTI, 2011, p. 71).

O superego é o conjunto dos estereótipos em âmbito social, ou seja, é a estrutura mais compacta e complexa sobre a qual se sustentam todas as concepções ideológicas, jurídicas e patológicas do social. Ele é produto da sociedade, que consegue estruturar-se na inseidade organísmica. De fato, a antecipação superegógica acontece não somente por uma precocidade agressiva do ambiente parental, mas também por um excesso de gratificação sobre o Eu, o qual – conseqüentemente – não adverte o estímulo à evolução provocado pela carência e se estrutura com escasso quantitativo psíquico. Ou seja:

Em si mesma, a função do superego é positiva, enquanto essencial ao crescimento do indivíduo. Ele é a mediação que o derivado social (tudo que constitui a cultura e a função adulta) reporta ao pequeno que está se formando. O superego é a variação ou inversão do Eu a priori. É, de fato, a deflexão operada pelo monitor de deflexão sobre a informação do Eu a priori (MENEGETTI, 2010, p. 215).

O monitor de deflexão age mediante estereótipos, constituindo-se uma forma estruturada com múltiplas capacidades. É uma forma com dois ou três potenciais adaptáveis a um universo de sentido. Cada ser humano tem dois, três estereótipos, cada um dos quais se divide, por sua vez, em um, dois ou três estereótipos. A base é simples; a partir desta base, o estereótipo estrutura o módulo de comportamento do sujeito com

³ Acerca do complexo na concepção ontopsicológica: MENEGETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012, p. 51.

relação ao dinheiro, ao trabalho, à saúde, de modo que o sujeito comporta-se exclusivamente segundo a predisposição do modelo. Tomemos o exemplo das plantas: o carvalho pode alcançar alturas e ter centenas de ramos. O monitor de deflexão impõe-lhe somente três ramos, especificando também a direção na qual devem crescer. O estereótipo da vida dá ao carvalho um espaço aberto no qual crescer e uma possibilidade quase infinita de evolução, enquanto o estereótipo do monitor de deflexão dá uma coerção, reduz. Tudo o que se codifica é estereótipo, o que discrimina a influência positiva ou negativa de um estereótipo é a funcionalidade, o resultado que produz no sujeito e no seu contexto (MENEGHETTI, 2011). Por fim:

A interação dialética entre Em Si ôntico, Eu lógico-histórico e monitor de deflexão determina toda a vida do homem: o Em Si é *starter* da vida, o Eu é a tomada de consciência que controla a situação e, conexo, há o monitor de deflexão, inserido no interior de determinados processos sináticos cerebrais (MENEGHETTI, 2010, p. 219).

Assim se deu nossa pretensão de apresentar, em modo introdutório, a proposta própria da Ciência Ontopsicológica no intuito de mostrar como esta compreende a estrutura do ser humano possibilitando entender as condições que facilitam e que impedem a formação do conhecimento.

3 Metodologia

Como metodologia, a presente Pequena Tese utilizou-se do método descritivo com base em revisão bibliográfica sobre o assunto. Assim, buscou-se evidenciar como bibliografia básica obras do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, bem como de Werner Karl Heisenberg e Fernando Palacios. Visando a fundamentação acerca do desenvolvimento da personalidade, optamos pela Ciência Ontopsicológica, visando cumprir nossa exposição trouxemos as ideia da *Técnica de storytelling*, segundo a Contribuição de Palacios e como exemplo desta proposta aspectos da biografia de Werner Karl Heisenberg.

4 Resultados e Discussão

Como resultado, trazemos ao leitor o segundo momento de nossa reflexão. Considerando as premissas elencadas pela Ciência Ontopsicológica, agora buscaremos

tratar do que fora posto no início de nosso texto, a *Técnica de storytelling*. Esta técnica consiste na formação de campanhas de comunicação contextualizadas criativamente por histórias (PALACIOS, 2007). As chances de sucesso tendem a ser otimizadas de acordo com a apropriação dos seguintes benefícios:

A. Conhecimento

As histórias fazem com que os leitores tomem ciência de um determinado assunto. Parte-se da premissa de que o processo pedagógico é mais rápido e melhor construído quando feito por meio de vínculos e associações. Cada leitura é um aprendizado, já que se entra em contato com assuntos que estão circunscritos dentro de um contexto (PALACIOS, 2007).

B. Contextualização

Uma informação transmitida de forma direta, normalmente solicitando uma atenção exclusiva, tende a interromper o que quer que o receptor esteja fazendo e, por conta disto, aumentar a resistência por parte dele. Em contrapartida, a comunicação indireta – aquela que envia mensagens contextualizadas – tende a receber menor resistência por parte do receptor.

Isto porque uma história em si já é uma forma de entretenimento e, mais do que informação, transmite conteúdo por meio de um contexto. Uma boa história capta todos os sentidos do receptor, o que explica o fato de as crianças desviarem-se do medo de escuro, passando a focar toda a atenção na história que seus pais contam e, com isso, dormirem mais facilmente (PALACIOS, 2007).

C. Projeções

Por ter uma estrutura aberta e simbólica, ou seja, de conteúdos interpretáveis, é muito fácil para uma pessoa encaixar-se numa história. Este processo psicológico é chamado de “projeção”, ou seja, a pessoa se projeta dentro de um personagem, algumas vezes torcendo por ele e outras se colocando no lugar dele (PALACIOS, 2007).

D. Envolvimento

É possível afirmar que as histórias dão alma a uma mensagem. Isto porque sua estrutura é muito mais complexa e envolvente do que uma informação direta. A metáfora para ilustrar este benefício é a de que enquanto as mensagens são transmitidas de forma direta e tradicional assemelham-se a um discurso rápido de elevador, as histórias são como um belo papo no sofá, na empolgação da mesa do bar ou na conversa do *coffee-break* (PALACIOS, 2007).

E. Estabelecimento de valor

Nada tem valor por si só. O valor quem atribui são as pessoas. Uma obra prima de valor inestimável não passa de tinta ou outros corantes sobre uma tela. No campo das hipóteses é possível imaginar uma situação em que uma pessoa descobre uma tribo indígena desprovida de contato com outras civilizações. Dando continuidade à hipótese, e se fosse feita a seguinte suposição: de o destemido aventureiro oferecer ao cacique, como sinal de paz, dois presentes: o quadro *O Grito*²⁵ de Edvard Munch e um espelho? Não é difícil de imaginar que haveria grandes chances de o cacique mostrar maior interesse pelo espelho. E as histórias têm tudo a ver com isso (PALACIOS, 2007).

F. Difusão espontânea

A difusão espontânea significa que uma história tem o poder de espalhar-se de pessoa em pessoa sem que o autor ou quaisquer outras pessoas interessadas em que ela seja difundida necessitem investir tempo, dinheiro ou energia (PALACIOS, 2007).

G. Perenidade

O processo de transmissão oral (e atualmente também digital) – em que as histórias percorrerem um caminho de uma pessoa a outra – pode durar meses e até anos. Enquanto uma história estiver sendo contada, ela se mantém viva na mente de quem conta e nasce para a mente de quem ouve e, assim, o ciclo se renova (PALACIOS, 2007).

5. Considerações Finais

Na história podemos retirar muitos exemplos de pessoas que tiveram um contato intenso com a música ao estudar e praticar um instrumento musical e que seguiram outros caminhos profissionais com excelência e em paralelo seguiram se dedicando ao instrumento musical e à música em modo amplo. Contando essas histórias queremos romper certos estereótipos construídos historicamente nas famílias de nossos alunos, de que a música é somente um passatempo sem nenhuma importância para o futuro dos filhos e, ao mesmo tempo, proporcionar uma nova cultura para os alunos para que eles possam sim se desenvolver nas áreas que sentirem atração e, mesmo assim, seguir com o estudo da música.

Anexos

Algumas imagens que retratam aspectos da biografia de Werner Karl Heisenberg e sua relação com a música.

- a) Nasce em 5 de dezembro de 1901, em Würzburgo, na Alemanha.

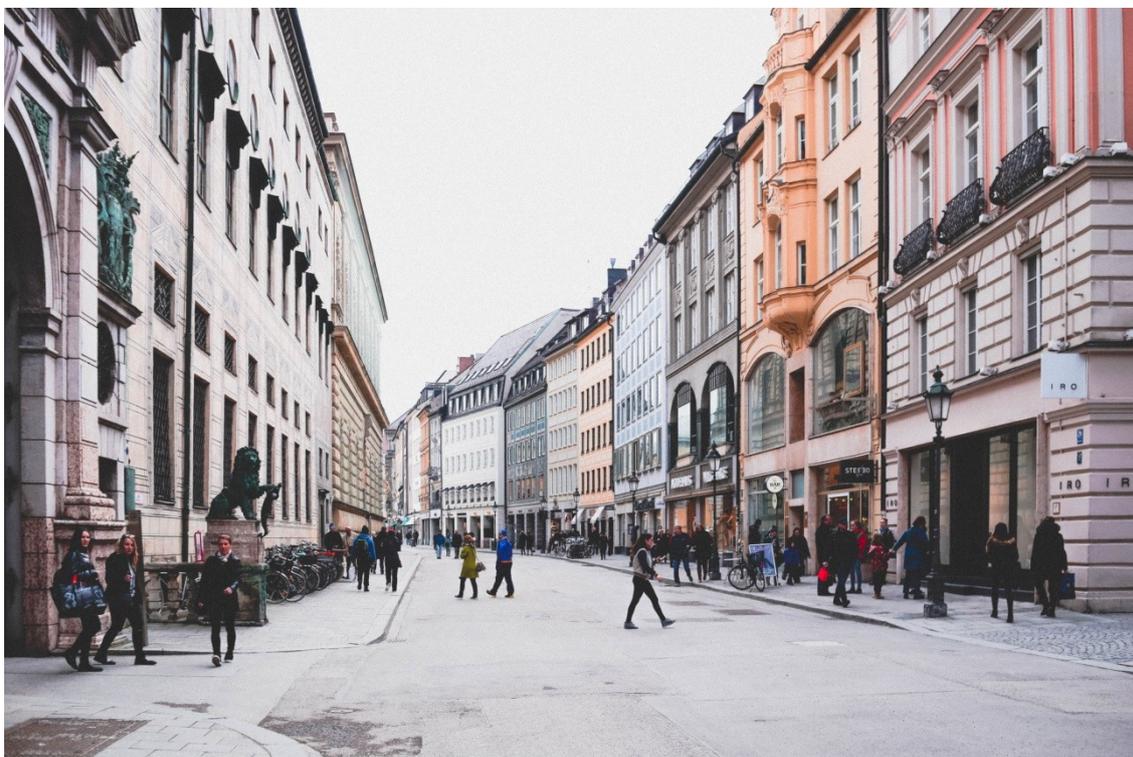


Foto de: Anastasia Dulgier no Unsplash.

b) Estudou na escola Gymnasium Maximilian, na Alemanha.

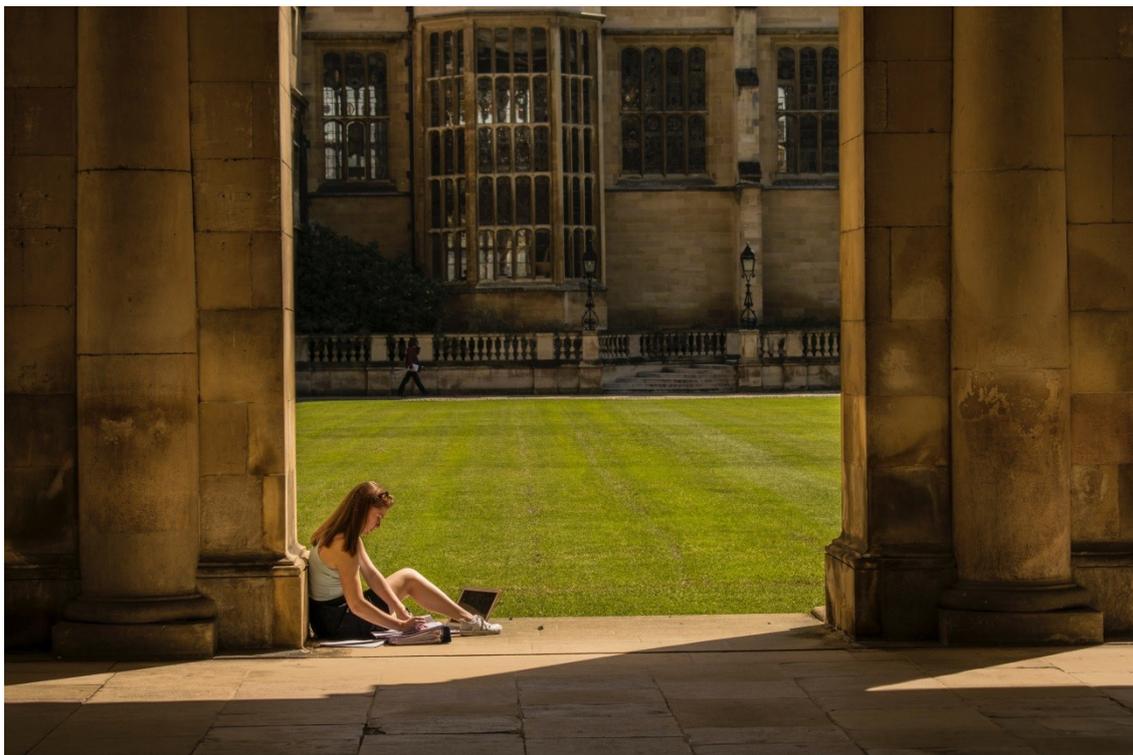


Foto de: J-S Romeo no Unsplash.

c) Estudou piano durante toda sua infância e juventude.



Foto de: Dolo Iglesias no Unsplash.

d) Adorava fazer música de câmara junto de seus amigos.

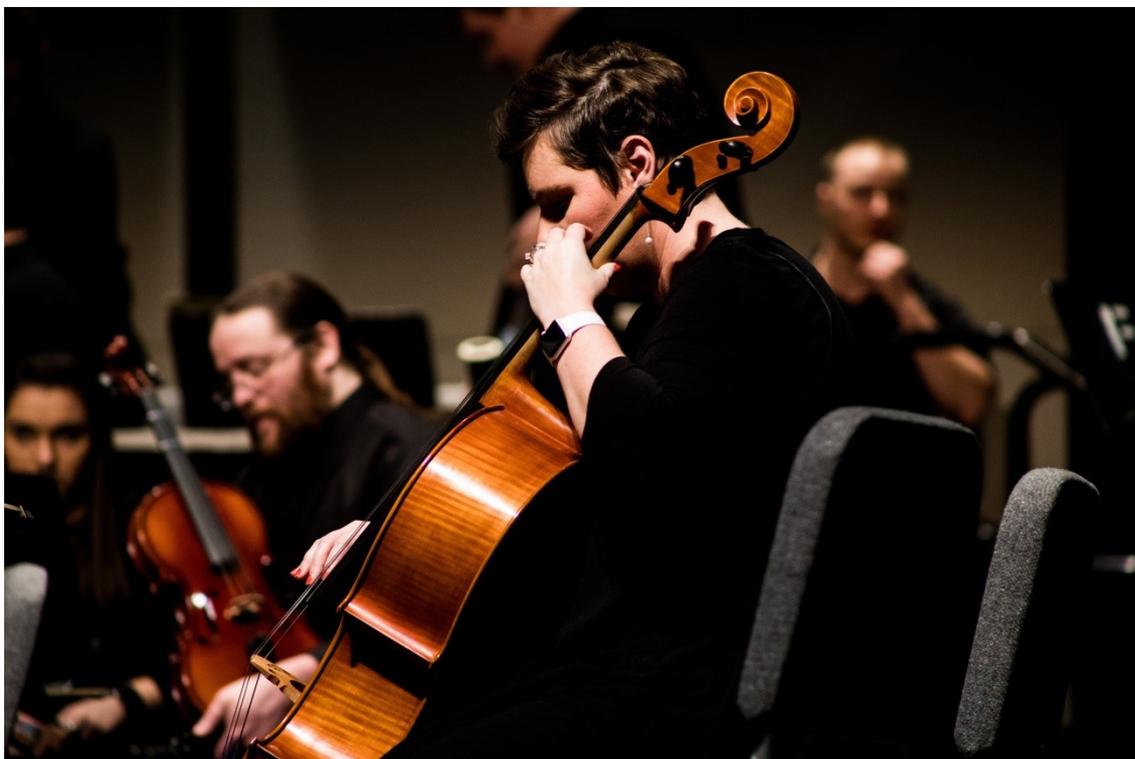


Foto de: Kael Bloom no Unsplash.

e) Aos 19 anos toma a decisão de seguir a carreira de físico.

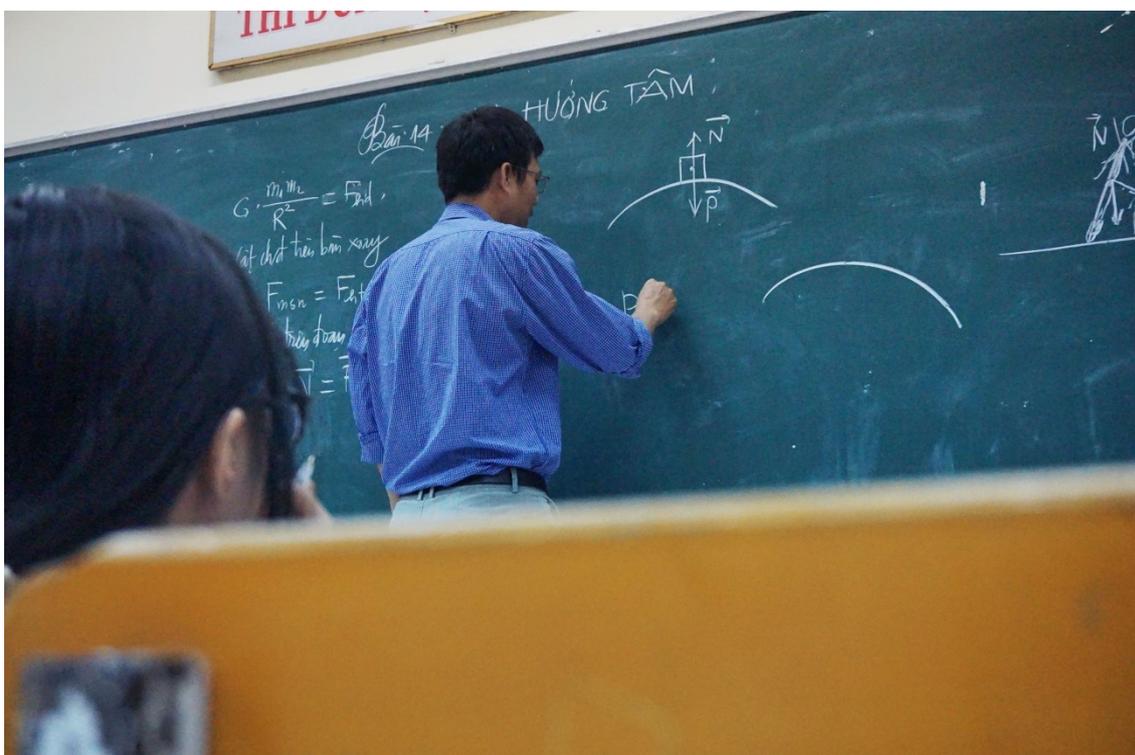


Foto de: Tra Nguyen no Unsplash.

f) Em 1932 recebe o Prêmio Nobel em Física.

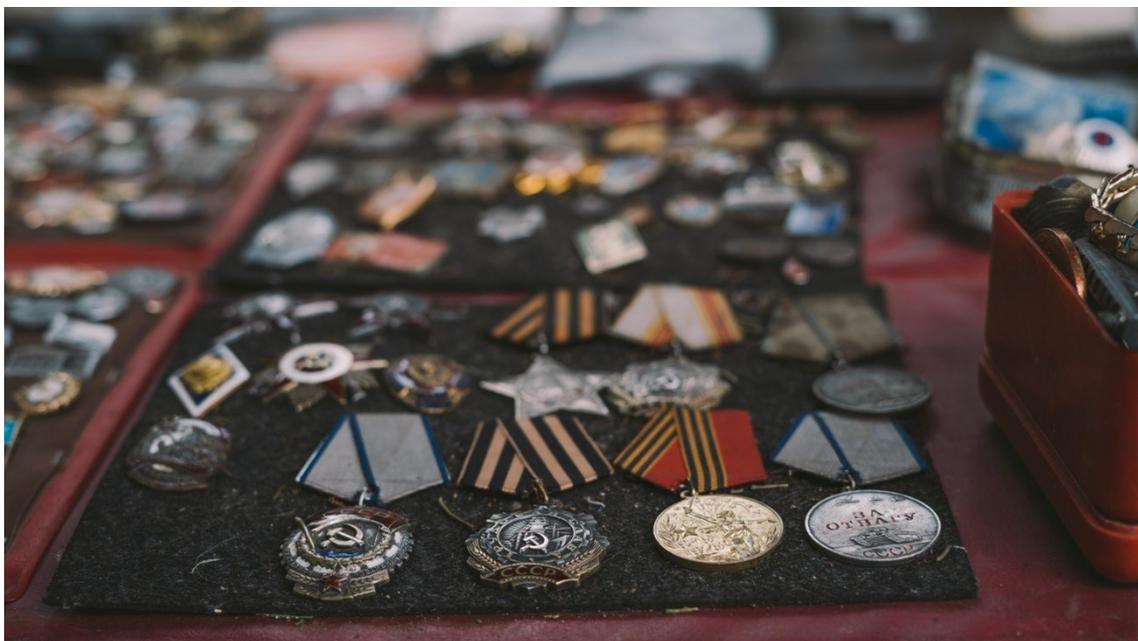


Foto de: Tbel Abuseridze no Unsplash.

g) Tem participação importante “retardando” o programa nuclear do regime nazista.

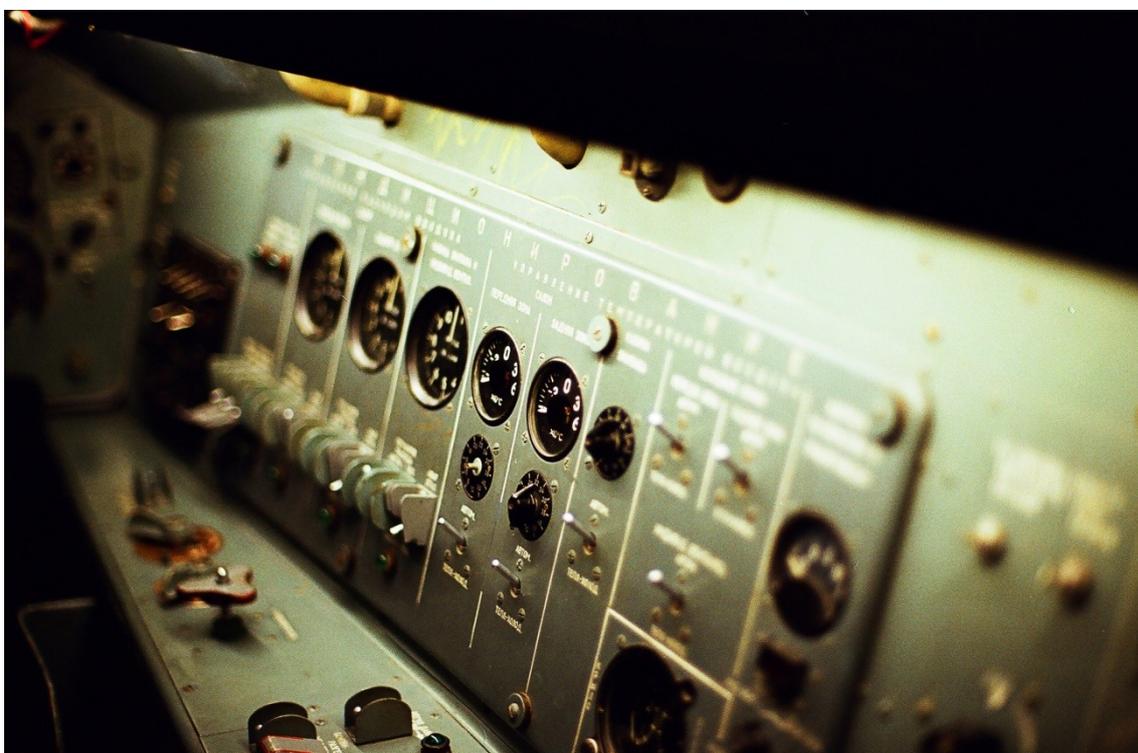


Foto de: sergey Svechnikov no Unsplash.

Referências

HEISENBERG, W. *A parte e o todo: encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

MENEGHETTI, Antonio. *O projeto homem*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicológica*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

PALACIOS, F. *A contextualização criativa de histórias como fator de sucesso no planejamento de campanhas de comunicação*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. Departamento de Relações Públicas, Publicidade e Turismo. Curso de Relações Públicas, 2007.